

**RETEXTUALIZANDO NARRATIVAS DE AVENTURA:
NOVAS POSSIBILIDADES DE LEITURA**

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Patrícia Lima Domingos (UEMS)

patydomingos12@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar uma sequência didática vivenciada pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental II em uma escola pública localizada na cidade de Campo Grande (MS), por meio da qual ressaltamos a importância da leitura e da retextualização de narrativas de aventura através da produção de vídeos. Na contemporaneidade a leitura deve fazer parte do cotidiano do aluno, levando-o a refletir e a utilizá-la em diferentes contextos. Como suporte teórico desse trabalho recorremos à *Base Nacional Comum Curricular* (2015) e aos autores, Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2006), Vilson José Leffa (1998), Luiz Antônio Marcuschi (2010) Roxane Rojo (2012), Ana Elisa Ribeiro (2016) entre outros. A proposta realizada oportunizou aos alunos momentos de leitura, de conhecimento, de reflexão, levando-os a retextualizar textos com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação.

Palavras-chave: Leitura. Narrativas de aventura. Retextualização.

1. Introdução

Atualmente o ensino da língua portuguesa propõe inovações e inúmeros desafios relacionados à leitura, à compreensão e à produção textual. A internet está presente no dia a dia do aluno, permitindo novas possibilidades de aprendizagem. O ensino deve caminhar ao lado da tecnologia, fazendo dela sua aliada em busca da construção do saber, e do fazer em sala de aula.

Este trabalho tem por objetivo relatar uma sequência didática vivenciada pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental II em uma escola pública localizada na cidade de Campo Grande (MS), por meio da qual ressaltamos a importância da leitura e da retextualização de narrativas de aventura através da produção de vídeos.

Desenvolvemos a sequência didática, a partir de um questionamento sobre o conceito de narrativa e de aventura, depois realizamos a análise de filmes e de textos relacionados ao gênero. Tivemos contato com a literatura com atividades que proporcionaram aos alunos diferentes formas de leitura (texto, filme, capa de livro, resenha, imagem, som),

que os levaram a refletir sobre a leitura, encerrando com a produção de um texto escrito e de um vídeo, reforçando assim a importância das diferentes leituras e do uso das múltiplas linguagens nos dias atuais.

Como suporte teórico desse trabalho recorreremos à *Base Nacional Comum Curricular* (2015) e aos autores, Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2006), Vilson José Leffa (1998), Luiz Antônio Marcuschi (2010) Roxane Rojo (2012), Ana Elisa Ribeiro (2016) entre outros.

Assim, o principal objetivo dessa proposta é permitir que o aluno entre no mundo da leitura através das narrativas de aventura e a partir dela faça uma retextualização. O aluno precisa perceber que para transformar um texto original num outro gênero se faz necessário a adequação das suas características, da sua estrutura, da sua linguagem e da sua intenção comunicativa.

2. *Leitura de texto em sala de aula*

Para Vilson José Leffa (1998, p.14), a visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento que possui do mundo.

Quando o aluno consegue relacionar aquilo que lê com a sua vivência está desenvolvendo a sua habilidade de leitura. Nem sempre um mesmo texto é interpretado, é entendido da mesma forma, porque o conhecimento de mundo de seus leitores nem sempre são iguais. É preciso utilizar, por isso, estratégias de leitura diferenciadas a fim de alcançar todos os leitores.

A Base Nacional Comum Curricular (2015, p.38) afirma que:

A progressão dos conhecimentos relacionados ao eixo da leitura é estabelecida, considerando-se a participação dos/as estudantes em eventos de leitura compartilhada, exercitando-se a compreensão por meio da escuta e da experiência de leitura silenciosa, da leitura de textos integrais e autênticos em todas as etapas da educação básica, bem como a compreensão da construção tipológica dos gêneros (o narrar, o argumentar, o expor, o instruir, o relatar). Considera-se, ainda, o grau de complexidade dos textos, que requer estratégias de leitura diferenciadas.

Ann Lesley Brown (1980, p. 456) define metacognição como um

conjunto de estratégias de leitura que se caracteriza pelo “ controle planejado e deliberado das atividades que levam à compreensão”.

A leitura é um momento de produção de significados. Num primeiro momento, ela é individual, depois se busca estratégias, a fim de atingir de maneira coletiva todos os leitores de determinado texto, levando-os ao entendimento, à compreensão textual em sua totalidade.

De acordo com Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2006, p. 216), a leitura é uma atividade de construção de sentidos, que pressupõe a interação autor-texto leitor, na qual está em jogo não só as pistas e sinalizações que o texto oferece, como também o conhecimento do leitor.

Ainda sobre a leitura na construção de significados, Marisa Lajolo (1982, p. 59) afirma que

ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Ler é uma experiência do dia a dia. Cada um em sua individualidade trata a leitura de maneira diferente. Uns leem com objetividade, com rapidez, superficialmente; outros, com atenção, com subjetividade, nas entrelinhas, cada qual a seu tempo, cada qual a seu modo. Na leitura não existem regras. Existe a possibilidade de interação entre autor, texto e leitor em favor do seu entendimento.

3. A teoria da retextualização

A teoria da retextualização não tem um conceito único. Luiz Antônio Marcuschi (2010) considera que “na retextualização, há sempre uma mudança de modalidade, da modalidade oral para a escrita”. Para Regina Lúcia Péret Dell’Isola (2007, p. 10), “é um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma re-facção e de uma reescrita de um texto para outro”.

Já Maria de Lourdes Meirelles Matêncio (2003, p. 3-4) explica as relações entre textualizar e retextualizar:

Textualizar é agenciar recursos linguageiros e realizar operações linguísticas textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito

trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las, tendo em vista uma nova situação de interação, portanto, um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tantas relações entre gêneros e textos, o fenômeno da intertextualidade; quanto relações entre discursos, a interdiscursividade.

A retextualização é a criação de um novo texto, com uma mudança de modalidade, a partir de textos originais. O leitor lê, vê ou escuta um texto e a partir dessa leitura produz um outro texto, utilizando outra linguagem. Se o texto a ser retextualizado possuir imagem, som, palavra, movimento ele se torna também um texto multimodal.

Roxane Rojo (2012, p. 8) afirma que “trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos.

Para o aluno conseguir retextualizar um texto precisará realizar uma leitura profunda dos textos-base e conseguir significar a leitura por meio de um outro texto, utilizando uma linguagem nova, de preferência midiática.

O que é importante então? Articular todos os modos de produzir textos. E isso pode ser muito bem incrementado na sala de aula. Aula de português, frise-se. Não excluindo das demais matérias escolares, é nesta seara das linguagens que se pode fazer uma reflexão informada, especializada e criativa sobre ler e escrever, especialmente textos multimodais, com todas as implicações deles. Afinal, escrever é um gesto. (RIBEIRO 2016, p. 123)

4. Sequência didática

Para a realização desta proposta foram utilizadas dez aulas de língua portuguesa.

4.1. Primeira aula: Conhecimento prévio

Nesse primeiro momento, a professora fez um levantamento a fim

de saber qual o conhecimento dos alunos sobre o gênero narrativas de aventura. Iniciou com algumas perguntas sobre os conceitos de narrativa e de aventura e se eles já tinham lido algum texto desse tipo. Relembrou alguns títulos e personagens famosos, tais como: Zorro, Indiana Jones, Os Três Mosqueteiros para instigá-los a pensar sobre o gênero apresentado.

4.2. Segunda aula: Mobilização para o trabalho

Com o intuito de motivá-los a se envolverem no estudo do gênero narrativas de aventura, a professora os levou até a sala de vídeo, passou trechos do filme *Peter Pan* e aproveitou a ocasião para conversar com eles sobre o que lhes chamou a atenção na história, quem e como eram os personagens.

4.3. Terceira aula: Produção inicial

Como os alunos já tiveram o primeiro contato com uma história do gênero, a professora propôs uma pequena produção textual, em que os alunos escreveram a continuação da história. A partir da leitura de um trecho do primeiro capítulo do livro *Robin Hood: O Príncipe dos Ladrões*, a professora solicitou que dessem continuidade à história, observando o sentido.

Trecho do livro *Robin Hood* (PHILIP, 2000, p. 12 e 14-15):

Numa linda manhã de primavera, Robert, conde de Huntingdon, saiu para encontrar-se com sua namorada, Marian Fitzwalter. Passeando de braço dado pela grande floresta de Sherwood, eles chegaram a uma bela clareira, iluminada pelos raios de sol. Robert ajoelhou-se diante de Marian e perguntou-lhe: “Quer ser minha mulher?”.

4.4. Quarta aula: Narrativas de aventura

Após os comentários sobre a continuação da história, a professora, utilizando o projetor integrado, passou slides explicativos sobre as narrativas de aventura, selecionou capas de livros, resenhas de filmes a fim de envolvê-los na leitura das obras e dos autores desse gênero discursivo.

Narrativa de aventura⁷⁴ é aquela que descreve ações desenvolvidas por um personagem representado por um valente herói, que vive as mais surpreendentes situações. O aventureiro enfrenta desafios e se envolve em diversas aventuras para escapar do perigo. A ação é um elemento principal numa narrativa de aventura.

4.5. Quinta aula: Sugestões de livros

A sala foi dividida em 5 grupos. Cada grupo recebeu uma lista de livros de aventura. A professora pediu que cada grupo escolhesse um dos livros para leitura e determinou um prazo para o final da leitura.

Algumas das sugestões dos livros apresentados foram: *O Conde de Monte Cristo*, *As Minas do Rei Salomão*, *Moby Dick* e *Robin Hood*.

4.6. Sexta aula: Seleção de episódio

Nesse momento todos os alunos já haviam lido o livro escolhido e a professora propôs que contassem um episódio por meio da retextualização e montassem um vídeo de um minuto, observando a combinação do texto, dos sons, das imagens. Sob a orientação da professora, os alunos selecionaram o episódio mais significativo da obra.

4.7. Sétima aula: Orientação para produção de vídeo

A professora comentou com os alunos sobre a facilidade de se produzir um vídeo com os recursos de hoje. Com o avanço da tecnologia qualquer pessoa com um celular pode realizar diferentes tarefas de forma simples e rápida e foi direcionando-os através de exemplos apresentados na sala de tecnologia.

Um dos objetivos trazidos pela *Base Nacional Comum Curricular* (2015, p. 64) é analisar os recursos de produção de sentidos e modos de leitura no meio digital (como os hipertextos, links, imagens, sons) em

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/narrativa>>. Acesso em: 22-10-2016.

práticas de leitura e produção textual, envolvendo as multimodalidades.

Para a realização dessa atividade os alunos se reuniram em 5 grupos, utilizaram recursos tecnológicos como: câmera digital, *Smart Phones*, *Movie Maker*, *Power Point*, *You Tube* entre outros. E os produtos finais foram enviados para a professora por meio de *e mail*, *WhatsApp* ou *links* e posteriormente apresentados à turma e à coordenação pedagógica.

4.8. Oitava e nona aulas: Produção de vídeo

Com o apoio da professora regente e da professora da sala de tecnologia os alunos escreveram seus roteiros e elaboraram seus vídeos, retextualizando um episódio do livro lido pelo grupo.

4.9. Décima aula: Apresentação dos textos retextualizado em vídeos

Na sala de aula preparada com cenários característicos do gênero trabalhado, os alunos apresentaram seus vídeos e falaram sobre a experiência de se trabalhar com o gênero narrativas de aventura por meio da multimodalidade e da retextualização.

5. Considerações finais

O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. (ANTUNES, 2003, p. 81)

A atividade proposta aqui apresentada refere-se ao gênero “narrativas de aventura”. Durante a sua execução percebemos que o aluno necessita de aulas de língua portuguesa mais dinâmicas que vá ao encontro das suas expectativas. O enfoque tradicional não contempla mais o alunado da contemporaneidade, por isso o professor precisa se capacitar para acompanhar os anseios e a realidade dessa geração, que é mais do que nunca, digital.

De acordo com Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Rober-

to Costa (2006, p. 8), “os novos suportes e instrumentos culturais da contemporaneidade, como o computador e a internet, têm-se tornado mediadores de alternativas de leitura e escrita”. Neste sentido, há cada vez mais a preocupação em tornar dinâmico o processo de ensino e aprendizagem, com projetos interativos que usem a rede eletrônica.

Para finalizar a proposta da sequência didática, os alunos elaboraram e apresentaram textos escritos e vídeos, utilizando como recurso as mídias digitais, para a produção de textos multimodais dentro da perspectiva da retextualização.

Durante a realização das atividades tivemos algumas dificuldades, tais como: tempo escasso em decorrência das provas, difícil acesso à internet, entretanto notamos o entusiasmo dos alunos no momento das leituras, das produções, do uso das tecnologias e o interesse demonstrado a cada etapa concluída até o produto final.

Após a aplicação da sequência didática pudemos refletir e perceber que a criticidade e a interação foram despertadas nos estudantes. Verificamos, desta forma, que as metodologias adotadas são apenas incentivos para despertar a criatividade no professor a fim de conseguir oportunizar aos estudantes do ensino fundamental a importância da pesquisa através dos resultados obtidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. *Gêneros do discurso na escola: rediscutindo princípios e práticas*. São Paulo: FTD, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 10-10-2016.

BROWN, Ann Lesley. Metacognitive development and reading. In: SPIRO, Rand J.; BRUCE, Bertram C.; BREWER, Williams F. (Orgs.). *Theoretical issues in Reading comprehension*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1980, p. 456.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*.

Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.

LEFFA, Vilson José. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra: DC Luza-o, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*, março de 2003.

PHILIP, Neil. *Robin Hood, o príncipe dos ladrões: sua lenda e sua história*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2000.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Textos multimodais: leitura e produção*. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2016.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo de. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.